

A PERSPECTIVA DOS/AS MUSICOTERAPEUTAS E ALUNOS/AS SOBRE A RELAÇÃO TERAPÊUTICA: CENTRALIZADO NO SUJEITO

Majori Machado Albuquerque¹

Sheila Maria Beggiato²

Resumo: A proposta deste estudo é refletir acerca da relação terapêutica no contexto musicoterapêutico e compreender como musicoterapeutas e estudantes de musicoterapia alicerçam e constroem um repertório de ações, intervenções e interações em processos musicoterapêuticos que estão se iniciando. Metodologicamente a pesquisa se constituiu em uma revisão bibliográfica e uma pesquisa de campo, com a utilização de um questionário online. A Análise Temática de Braun e Clarke (2006) foi a fundamentação para a análise dos dados. Teoricamente o trabalho se sustentará com alguns aportes da abordagem humanista de Carl Roger e com autores da Musicoterapia, como Bruscia, Aigen, Brian Abrams e Barcellos. Os resultados indicam que a musicoterapia se constitui e se constrói dentro de uma relação terapêutica em cinco categorias que foram denominadas de CIPI: “C”, representa a temática Centrada no Sujeito; “I” representa a interatividade; “P” a proficiência e “I” a integralidade. A função do/a musicoterapeuta é a mediação a partir das experiências musicais, ajudando o participante a alcançar as possibilidades de mudanças desejadas.

Palavras-chave: Relação Musicoterapêutica, Ações, Intervenções, Centrada na Pessoa, Humanismo.

¹ Graduanda em Musicoterapia pela UNESPAR.

² Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Educação pela UFPR (2019). Mestre em Educação pela PUCPR (2006). Graduada em Musicoterapia pela Faculdade de Artes do Paraná, atual UNESPAR (1988). Formação em Psicodrama Pedagógico pela Sociedade Paranaense de Psicodrama. Professora e Supervisora do Curso de Bacharelado em Musicoterapia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) - Campus Curitiba II. Orientadora de trabalhos de Iniciação Científica da UNESPAR. Membro da Conselho Editorial da Revista Brasileira de Musicoterapia. Membro do grupo de pesquisa NEPIM - Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia (CNPq). Membro do Grupo de Pesquisa em Envelhecimento Humano (GPEH) da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Membro de comissão científica em diversos eventos científicos na Área da musicoterapia e da música. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em MUSICOTERAPIA, atuando principalmente nos seguintes temas: Musicoterapia clínica e pesquisa, Formação de musicoterapeutas, Formação de professores musicoterapeutas, Musicoterapia e Saúde Mental. Ex-Secretária Geral da União Brasileira de Associações de Musicoterapia - UBAM. Ex-presidente da Associação de Musicoterapia do Paraná. Ex-editora-chefe da Revista Brasileira de Musicoterapia (UBAM).

THE PERSPECTIVE OF MUSIC THERAPISTS AND STUDENTS ON THE THERAPEUTIC RELATIONSHIP: CENTRALIZED ON THE SUBJECT

Abstract: The purpose of this study is in line with the therapeutic relationship in the music therapy context. The general objective is to investigate how the music therapist bases and builds a repertoire of actions, interventions and interactions in music therapy processes that are starting, from their perspectives on the subject. Methodologically, the research consisted of a bibliographic review and a field research, with the application of an online questionnaire with music therapists. The Thematic Analysis by Braun and Clarke will be the basis for the data analysis. Theoretically, the work will be supported by some contributions from Carl Roger's humanistic approach and by authors of Music Therapy, such as Bruscia, Aigen, Brian Abrams and Barcellos. The results indicate that Music Therapy is constituted and built within a therapeutic relationship in five categories that were called CIPI: "C", represents the theme Centered on the Subject; "I" represents interactivity; "P" for proficiency and "I" for completeness. The role of the music therapist is to mediate from musical experiences, helping the participant to achieve the possibilities of desired changes.

Keywords: Music Therapeutic Relationship, Actions, Interventions, Person-Centered, Humanism.

INTRODUÇÃO

A temática deste artigo centra-se na relação terapêutica em musicoterapia e se baseia nos aportes teóricos de Carl Roger (1983, 1965/1979), Martin Buber (1977), e teóricos da Musicoterapia como Bruscia (2015, 2016), Aigen (2015), Brian Abrams (2018), Barcellos (2016), entre outros. A proposta deste estudo é refletir acerca da relação terapêutica no contexto musicoterapêutico e compreender como musicoterapeutas e estudantes de musicoterapia alicerçam e constroem um repertório de ações, intervenções e interações em processos musicoterapêuticos que estão se iniciando.

Observa-se que em atendimentos de musicoterapia a relação do/a musicoterapeuta com o/a participante está em constante movimentação; compreende-se que somos organismos em desenvolvimento, seres humanos com presença ativa e não passiva, por mínima que a interação ocorra, sempre haverá movimento, que, por sua vez, pode não ser perceptível, mas que se encontra em um estado crescente (ROGERS, 1983). Por conseguinte, fazer parte da experiência do/a outro/a é “estar lá” (BRUSCIA, 2016), é dar assistência, testemunhar e orientar, porque em um processo musicoterapêutico, a música invade prioridades, a musicalidade é um processo de subjetivações que a vida toda compartilhamos com os demais; logo “a postura incentivadora e acolhedora deve ser constante na figura do/a musicoterapeuta, escutamos interioridades. Buscamos dar voz aos conteúdos internos” (BERNARDES, 2012 p. 17).

Nas correntes humanistas, a percepção do ser é muito relevante para o processo. Carl Rogers e Kinget (1979), falam sobre a noção do “EU” que vai ao encontro da percepção mutável em relação ao indivíduo como: limites, valores, características, qualidades, defeitos; esta seria a capacidade da percepção do EU, e que iria englobar as experiências do ser humano. O “papel do EU” também está ligado diretamente com as tendências atualizantes e estas apresentam-se na atualização do Eu e em síntese, as relações são fundamentais dentro dos aspectos que as acompanham.

Rogers (1979) menciona a categorização das relações, sendo a última a relação entre terapeuta e participante/cliente. Este tipo de relação apresenta o

significado da qualidade terapêutica, como “tolerância, calor, segurança, compreensão, aceitação e respeito” (ROGERS, 1979, p.122). Dessa mesma forma não é simplesmente ter uma boa relação, mas sim compreender e sentir as qualidades que se apresentam.

Assim como Rogers (1979, 1983), Martin Buber (1977) aborda as palavras “EU-TU” e “EU ISSO” como palavras princípios. O EU-TU seria as relações Face a Face e Reciprocidade. O EU-ISSO encaminha-se na ideia Experiência, Egocentrismo e Sujeito e Objeto. As relações que Buber apresenta estão diretamente ligadas também ao ser interno, “o homem que quer se conhecer deve mergulhar em seu mundo onde a vida se origina e se renova com o pensamento” (CARRARA, 2002, p. 2). No que concerne às relações, compreende-se que esta faz parte da própria existência humana, seja ela relacionada ao entendimento musical, contexto histórico, matemático, psicológico, médico ou cultural. (BEZERRA; BEZERRA, 2012, p. 4).

Para Brian Abrams (2018), a musicoterapia é uma mistura da música com o relacionamento com o humano e o cliente é livre para se expressar com o terapeuta oferecendo uma ajuda por meio das experiências musicais. Polit (1993) citado por Abrams (2018), em uma perspectiva humanista, oferece a seguinte definição

A Musicoterapia Humanística é um espaço de psicoterapia onde o desenvolvimento pessoal e transpessoal da pessoa através do som e da música é facilitado, usando uma abordagem que enfatiza respeito, aceitação, empatia e congruência. (p. 366).

O processo terapêutico configura-se em suas modalidades de interações e intervenções perante um ser existencial. A utilização destas intervenções visa o desenvolvimento de funções e potencialidades do indivíduo.

Com um olhar voltado para as questões expostas até aqui, o objetivo deste artigo é refletir acerca da relação terapêutica no contexto musicoterapêutico e compreender como musicoterapeutas e estudantes de musicoterapia alicerçam e constroem um repertório de ações, intervenções e interações em processos musicoterapêuticos que estão se iniciando.

PERSPECTIVAS DA RELAÇÃO NO HUMANISMO E SEUS TEÓRICOS

O humanismo nasceu como uma filosofia no período renascentista, apresentando uma postura ética, a valorização do ser humano individual e coletivo.

É uma visão de mundo em que o indivíduo é visto como soberano - acima da natureza, [...] o que significa que ele tem livre arbítrio e pode crescer e amadurecer em seus próprios termos. Seu senso intuitivo de certo e errado - em si um *insight* moral inato e natural - e liberdade para agir implica o dever de fazê-lo com responsabilidade. (NEBELUNG e STENSETH, 2018, p.2. apud AADLAND, 1997).

Com esta visão, o surgimento das psicologias humanistas retratou uma ideia para a valorização do eu, liberdade, autonomia, aspectos existenciais e indagações e sobre o significado da vida. Estas concepções surgiram a partir de autores como Carl Roger, Abraham Maslow e Clark Moustakas (AIGEN, 2015). Dentre os desígnios, Carl Rogers (1902–1987), apresentou uma abordagem centrada no cliente, tendo como foco o relacionamento entre o terapeuta e o cliente.

Antes de adentrarmos na relação terapêutica em musicoterapia, abordaremos aspectos nos quais alguns autores apresentam como pontos fundamentais desta construção. Por meio das correntes humanistas existenciais, a relação *a priori*, começa com o respeito ao próximo, reconhecimento da sua totalidade e unicidade, tal qual como personalidade, cultura e “a ênfase no relacionamento humano como forma de crescimento” (MOREIRA, 1992 apud CURY 1987).

Na filosofia de Martin Buber, se dá total ênfase nas relações e convoca a pensar sobre o encontro nas relações terapêuticas em musicoterapia. O pensamento deste autor situa-se em um profundo contexto existencial, não tratando-se somente de dois sujeitos, mas de duas posturas presentes em todos nós, em “nossa relação com o outro, com as coisas e com o mundo” (MOREIRA apud BUBER, 1997, p.115). Assim a forma da existência em Buber (1977) se encontra na proposta do “EU” e “TU” que formam duas atitudes de “existir ou ser-no-mundo”.

Para Buber (1977) o homem existe como relação a partir das experiências vividas, com base no mundo e nas relações com outros/as ensinando-nos que, não podemos ver o homem como somente um indivíduo e somente observando em

relação a si mesmo, mas pelo homem como um ser relacional, e que por vias das relações, acham possibilidades de se conhecer e de se ajudar.

Embora no espaço da musicoterapia as relações sejam intermediadas pelas experiências musicais, o processo da musicoterapia configura-se na relação do/a musicoterapeuta com o/a paciente e nas trocas de experiências musicais, objetivando trabalhar potencialidades, por meio das intervenções e interações. No que concerne às relações, compreende-se que esta faz parte da própria existência humana, seja ela relacionada ao entendimento musical, contexto histórico, matemático, psicológico, médico, cultural, suas vertentes, visando “tudo aquilo que se volta para o homem” (BEZERRA; BEZERRA, 2012, p. 4).

Como fator primordial, em sua *Abordagem Centrada na Pessoa*, Roger (1983) coloca como ponto primordial o conhecimento a partir do fenômeno existencial à relação humana. Esta abordagem conceitua o valor, a importância da pessoa e seu crescimento. Outro ponto abordado pelo autor é a visão do sujeito como ser capaz de auto realização, de auto realizar-se (BEZERRA; BEZERRA, 2012, p. 4).

Na obra *Psicoterapias e Relações Humanas*, de Carls Rogers e Marian Kinget, os autores apresentam a ideia de Tendências Atualizantes como uma tendência inata de crescimento que o ser possui, visando sempre as potencialidades (ROGERS; KINGET, 1979). Os autores entendem que

[...] a tendência à atualização é a mais fundamental do organismo em sua totalidade. Preside o exercício de todas as funções, tanto físicas quanto experienciais. E visa constantemente desenvolver as potencialidades do indivíduo para assegurar sua conservação e seu enriquecimento, levando-se em conta as possibilidades e limites do meio (ROGERS e KINGET, 1979 p. 41).

Portanto, observa-se que as tendências atualizantes são uma capacidade inerente do ser. O/A musicoterapeuta, ao utilizar abordagens e técnicas específicas, apresenta o que Rogers (*apud* BEZERRA; BEZERRA, 2012) menciona de experiência prática, vivenciada. Por conseguinte, a ideia de experiências práticas também estaria ligada a subjetividade do conhecimento observado na terapia, portanto a experiência estaria conectada ao modo de comunicação seja ela falada, não verbal, musical ou não musical.

ASPECTOS DA RELAÇÃO EM MUSICOTERAPIA

Segundo Aigen (2015, p. 15) uma terapia baseada em uma relação nos aproxima de uma empatia e confiança com o participante, além disso o autor menciona que existem duas maneiras de pensarmos “relação”: 1) a relação se torna um objetivo na terapia e que, muitos dos participantes em musicoterapia vivem realidades complicadas, visto que o público que chega a musicoterapia são autistas, pessoas com Síndrome de Down, com Paralisia Cerebral, com deficiências, traumas, indivíduos com comunicação prejudicada, entre outros. Desse modo, a música pode estabelecer uma ponte de conexão para o mundo interno e externo do indivíduo; 2) a relação pode se tornar a conjuntura do atendimento, porque os processos que acontecem dentro da musicoterapia podem ser dolorosos e exigentes para este indivíduo.

Para Bruscia (2016), em uma relação entre musicoterapeuta e paciente, a primeira forma de ajudar o cliente é “estar lá” para ele num nível humano, isto é, estar presente e aberto para a experiência do/a paciente, tendo empatia e entendendo suas circunstâncias, sustentando, testemunhando seus dilemas, acompanhando-os em sua jornada em direção à saúde, oferecendo toda assistência ou suporte apropriados, fornecendo orientação ou intervenção e se necessário cuidando. Por isso, a figura do terapeuta é muito importante e é a partir dela que se construirá o canal facilitador para a formação de vínculo, gerando um espaço acolhedor e respeitoso, promovendo mudanças de comportamento, tranquilidade, crescimento pessoal e emocional.

Em uma perspectiva humanista, Dunlap (2017, p. 32) menciona que a “Autoatualização por meio da expressão do potencial musical é o objetivo principal da Musicoterapia Humanista, que é incentivada por meio de uma cura, relacionamento terapêutico e ambiente”. Entretanto, outros fatores que são selecionados como características, significados e tão somente humanos seriam "ser, individualidade, esperança, autoestima, amor, criatividade, individualidade e autenticidade" (NEBELUNG e STENSETH, 2018 p. 6).

Em síntese, a musicoterapia envolve o respeito e o cuidado com o ser humano, logo, a dignidade humana também se faz presente no ser, a ética profissional do/a musicoterapeuta com o participante não está somente no musical, mas também

se faz em conjunto, a um apreço pelas suas vontades, identidade, empatia, autodeterminação e simbolismo, se construindo em um ser multidimensional.

METODOLOGIA

O olhar proposto para esta pesquisa é qualitativo e exploratório por apresentar características de estudo sobre compreensão dos fatos e das relações sociais, fenômenos e subjetividades, e na busca por compreender a perspectiva dos sujeitos a respeito de um determinado fenômeno. É exploratório porque proporciona “familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (SILVEIRA; GERHARDT, 2009, p, 35).

Inicialmente foi realizada uma revisão integrativa de literatura, para identificar as produções já existentes dentro da temática. O resultado desta revisão será apresentado mais adiante. Na sequência, foi-se a campo, buscar respostas junto aos/as musicoterapeutas e estudantes de musicoterapia sobre a temática investigada. A pesquisa de campo, que segundo Fonseca (2002, p. 32) são “investigações em que para além da pesquisa bibliográfica [...] se coletam dados junto de pessoas, utilizando diversos tipos de pesquisa (*ex-post-facto*, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.)”. Para atender ao objetivo proposto nesta investigação, optou-se por um questionário online. Estabeleceu-se como elegíveis a responder o questionário: a) estudantes de musicoterapia do último ano de cursos de graduação que já tivessem estagiado na área; b) profissionais graduados em Musicoterapia, com experiência mínima de 5 anos que aceitassem participar e assinassem com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

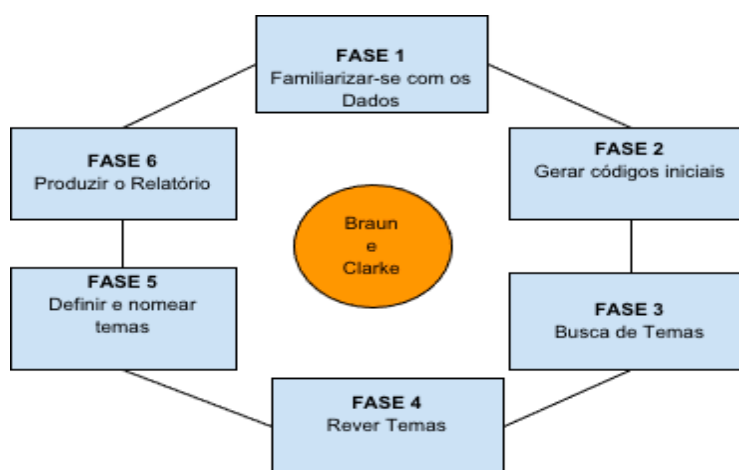
O projeto foi submetido ao Comitê de Ética da UNESPAR, e aprovado com o CAAE 36832420.4.0000.9247. Os/as participantes foram acessados a partir de um convite e divulgação por intermédio das Associações de Musicoterapia do Paraná e do Estado do Rio de Janeiro e pelo Curso de Musicoterapia da UNESPAR. Esclarece-se que estas foram as instituições que aceitaram colaborar com a pesquisa e assinaram o Termo de Ciência do Responsável pelo Campo de Estudo. Foi enviado um e-mail com o link para estas instituições, que divulgou para seus associados e estudantes.

O questionário estava composto de doze perguntas, sendo cinco de múltipla escolha e sete de resposta aberta. Foi aplicado um pré-teste (piloto) para ajustes das perguntas. Os critérios de inclusão estabelecidos para aqueles que poderiam responder o questionário foram: estudantes de musicoterapia do último ano de cursos de graduação que já tivessem estagiado na área; profissionais graduados em Musicoterapia, com experiência mínima de 5 anos que aceitem participar e concordem com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os critérios de exclusão: profissionais com especialização em musicoterapia; com menos de 5 anos de experiência; alunos de 1º. a 3º. anos da graduação e sem experiência de estágio.

O questionário foi disponibilizado na plataforma online do *Google Forms* para acesso aos respondentes. O período da coleta de dados se deu do dia 23 de outubro de 2020 até o dia 7 de novembro de 2020.

Para a análise dos dados dos questionários, foi escolhida a Análise Temática, de Braun e Clarke (2006), que se caracteriza pela flexibilização independente de não possuir aportes teóricos, dando possibilidades de trabalharmos em diferentes quadros teóricos, sendo ela composta por seis fases, conforme apresentado na figura 1.

Figura 1. Fases da Análise Temática (Braun e Clarke, 2006)



Fonte: Adaptado de Braun e Clarke (2006) pelas autoras (2020).

A Fase 1 é a primeira leitura e requer a atenção do pesquisador para perceber padrões coerentes nelas existentes. Na fase 2, como o próprio nome diz, é hora de

gerar códigos iniciais a partir dos dados apresentando esta codificação deve ser manuseada com cuidado, para que aspectos de identificação possam formar bases de temas. A fase 3, trata de agrupar os temas relevantes que estão sendo construídos. Estas representações podem ser trabalhadas em formas de gráficos tabelas. Nesta fase as relações entre os códigos começam a acontecer, organizando-se em temas e/ou subtemas. A fase 4 constitui o refinamento dos temas, podendo acontecer de que um tema precise ser novamente dividido ou em outros casos simplesmente fique em um tema único. (BRAUN; CLARKE, 2006). Por conseguinte, na fase 5, há uma importância de se construir um mapa temático, porque aqui o pesquisador já tem por definitivo os temas escolhidos. Sendo subtema ou não, terá que se trabalhar na análise detalhada, informando a relação existente com a pergunta problema da pesquisa. Enfim, a fase 6 é a última oportunidade para a análise, a seleção de exemplos vívidos e convincentes do extrato, análise final dos extratos selecionados, relação entre análise, questão da pesquisa e literatura, nos faz produzir um relatório acadêmico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente pesquisa se estruturou nos seguintes tipos de procedimento: pesquisa bibliográfica, somente publicações a partir de artigos científicos, livros, periódicos, Trabalhos de Conclusão de Curso, teses e dissertações, monografias, artigos e TCC com produções científicas entre 2011 a 2020 com um total de 10 anos e idiomas inglês, português, espanhol.

Foram consultados: Biblioteca Virtual de Saúde (BVS); Scientific Electronic Library Online (Scielo); American Psychological Association (PsycINFO); Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC); Google Scholar (Acadêmico); Catálogos de Teses e Dissertações (Portal Capes); Anais do Congresso Latinoamericano de Musicoterapia; Anais dos Fóruns de Musicoterapia do da Associação de Musicoterapia do Paraná; Anais Ibero Americano de Musicoterapia; Anais do Encontros de Pesquisa de Musicoterapia; Anais do Simpósio de Musicoterapia do Rio de Janeiro; Revista Brasileira de Musicoterapia; Revista Incantare; Revista do Rio de Janeiro, Revista Música Hodie; Revista Per Musi Scholarly Music Journal; Periódicos Inquéritos
Revista InCantare, pp. 44-64
vol. 14 no. 1. jan-jun-2021
ISSN: 2317-417X / Curitiba

qualitativos em Musicoterapia - uma série de monografias (Barcelona Publishers – Qualitative Inquiries in Music Therapy); Australian Journal of Music Therapy; La Revista de Investigación en Musicoterapia.

A pesquisa foi iniciada a partir de agosto de 2020 até outubro de 2020, considerando artigos originais, nos idiomas já mencionados anteriormente utilizando-se os descritores/palavras-chave: intervenção, interação, relação terapêutica, visto que para colaborar na resposta da pergunta norteadora,

Logo a busca resultou em 351 trabalhos. Após a leitura dos títulos e resumos, excluíram-se 348 trabalhos, ficando para a leitura na íntegra, 3 títulos. Os trabalhos selecionados podem ser conferidos no Quadro 1.

Quadro 1 – Resultado da busca sistematizada, organizada por título, fonte, autores, tipo de estudo/objetivo.

TÍTULO	PERIÓDICO / ANO	AUTORES(AS)	TIPO DE ESTUDO /OBJETIVO
Ética: da reflexão à prática, na formação dos estudantes de musicoterapia	Revista Brasileira de Musicoterapia (2014)	Paula Harada; Noemi Ansay	Pesquisa Qualitativa. Investigação documental. Objetivo: investigar como os estudantes de musicoterapia entram em contato com a reflexão sobre a Ética e como a incorporam na prática durante sua formação acadêmica.
Musicoterapia na interação social de pessoas com TEA: estudo de revisão	Revista InCantare (2016)	Eliamar Aparecida de Barros Fleury, Kelly Dantas dos Santos	Revisão Bibliográfica. Estudo tipo Qualitativo. Objetivo: apresentar estudos relevantes ao TEA, interação social e habilidades sociais e a Musicoterapia.

Elementos del encuadre terapéutico para la creación del vínculo entre paciente y terapeuta em Abordaje Plurimodal em Musicoterapia.	Revista Brasileira de Musicoterapia (2019)	Alfonso López Ruiz	Revisão Bibliográfica. Estudo Tipo Qualitativo. Objetivo: abordar a importância do setting terapêutico na construção do vínculo.
---	--	--------------------	--

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

Conforme pode ser visto no quadro 1, o resultado da busca resultou em três trabalhos que atenderam aos requisitos pré-estabelecidos. As autoras Ansay e Harada (2014), traçam uma pesquisa de cunho qualitativo, com o objetivo de saber como os alunos incorporam o entendimento de Ética e como é percebido durante sua prática. Para investigar optaram por uma pesquisa documental com um grupo focal, com setes estudantes de musicoterapia, além disso os encontros foram gravados e analisados a partir da perspectiva de (BARDIN, 1979). Os eixos centrais importantes para a pesquisa foram: A ética vincula-se não somente ao profissionalismo exercido dentro de uma instituição, mas se estabelece e relaciona-se a partir de um trabalho, atuação em musicoterapia e como musicoterapeuta; as produções científicas como este artigo, também expõe um processo ético dentro da área.

As pautas principais que emergiram foram Encontro 1 - Conceito de Ética; Encontro 2 - Ética na formação; Encontro 3 - Ética na profissão; Encontro 4 - Ética humana. Assim como neste artigo, a relação terapêutica se apresenta e manifesta mediante as relações com o/a outro/a e com o mundo, em um processo de subjetivações, na tal a relação possui qualidades como calor, compreensão e segurança; as palavras recorrentes nas falas dos alunos. também faziam menção às estas palavras e outras como “consciência, integridade, confiança, competência, dignidade e princípios”.

O estudo de Fleury e Santos (2016) mostrou que a musicoterapia contribui para os relacionamentos interpessoais de crianças com TEA, este, por sua vez, é um estudo bibliográfico do tipo qualitativo que ao decorrer do texto vai apresentando historicamente quem foi o primeira a apresentar o termo autismo, para o mundo. Para

a contribuição do mesmo, o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-V) também foi citado, dado que ele nos mostra a classificação do Transtorno do Espectro Autista (TEA), ajudando no diagnóstico. Por conseguinte, os autores seguem logo mencionando algumas formas de tratamentos, como Psicanálise, Análise do Comportamento Aplicada, Comunicação Suplementar e Alternativa (CSA). Em relação a Musicoterapia as intervenções dentro desta relação ajudam na socialização do indivíduo, estimulam a comunicação verbal e não verbal e auto-organização.

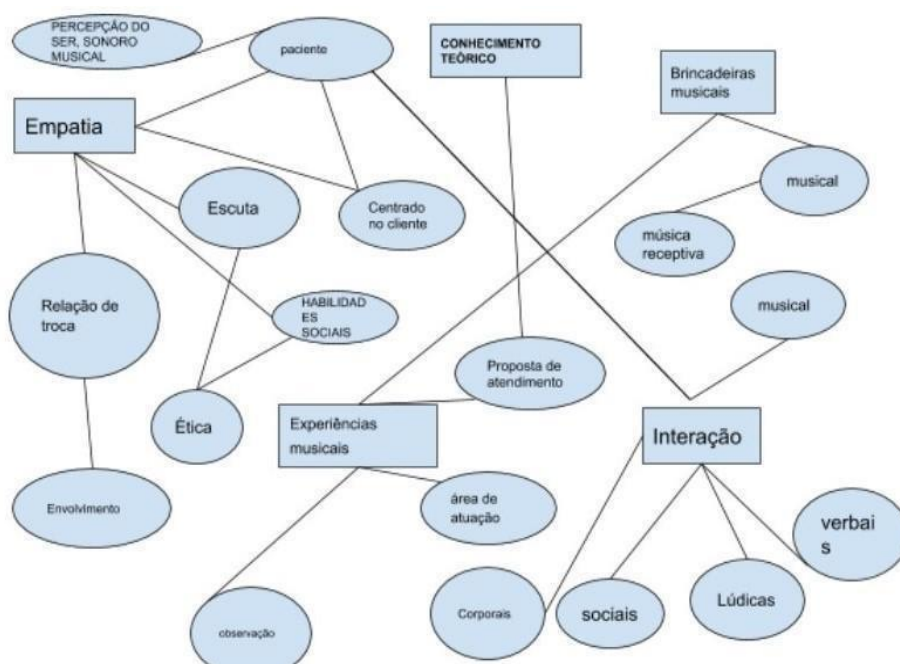
O trabalho apresentando por Ruiz (2019), aborda e discute inicialmente o processo musicoterapêutico e procedimentos que facilitam o/a paciente a ficar mais confortável dentro desta dinâmica, para que possamos alcançar nossos objetivos em terapia; *a priori*, uma relação terapêutica saudável, deve também possuir limites, organização e fortalecer o contrato terapêutico. O autor também apresenta três aspectos da relação que ele considera fundamental como vínculo terapêutico, transferência e aliança terapêutica.

No que se refere a pesquisa de campo, analisou-se as respostas dos questionários que investigou as perspectivas de musicoterapeutas experientes e estudantes de musicoterapia sobre a relação terapêutica. O número total de respondentes foi de oito sujeitos, sendo cinco profissionais e 3 estudantes.

As áreas de experiência dos/as musicoterapeutas são: Educação Regular; Social/Comunitária; Reabilitação; Hospitalar; Clínica. Quanto aos/as estudantes a áreas em que já realizaram estágio foram: Social/Comunitária; Hospitalar; Clínica; Saúde Mental; Reabilitação.

A partir das respostas dos oito participantes e seguindo a proposta da análise temática de Braun e Clarke (2006), os esquemas abaixo irão mostrar os códigos, temas, subtemas e a semelhança entre os discursos dos participantes da pesquisa. Dentre os achados, estes foram os temas e subtemas (figura 2). Os temas estão organizados em retângulos e os Subtemas em círculos; foram encontrados para a fase 3, onde observa-se que os dados foram codificados e agrupados, sendo possível analisar vários códigos que podem abranger e combinar com diferentes temas.

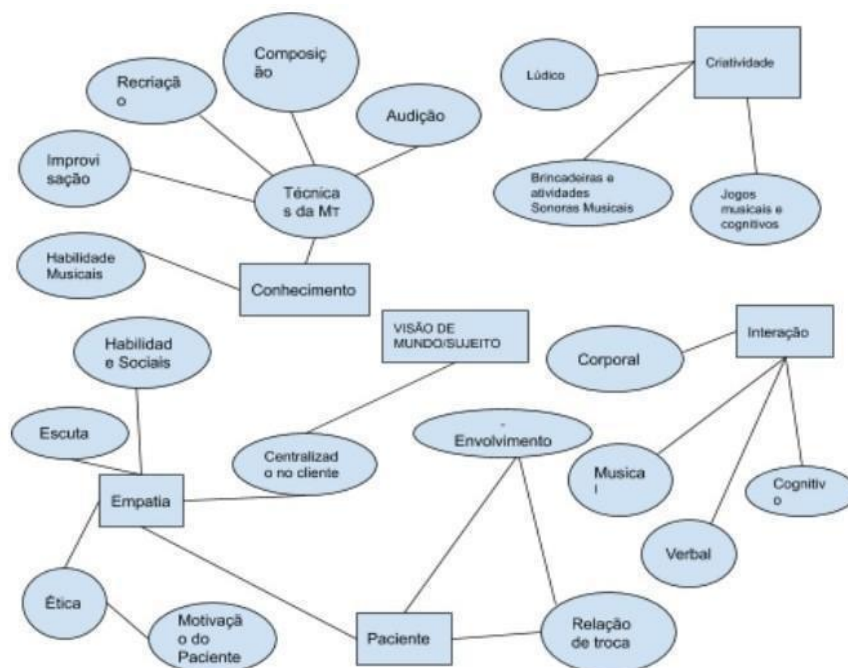
Figura 2 – FASE 2 - Identificação dos Códigos a partir das respostas dos sujeitos.



Fonte: As autoras 2020.

A Figura 3, já apresenta uma maior organização destes temas e subtemas, aqui a linha de pensamento sobre as aproximações estão se formando. Os temas foram organizados dentro dos retângulos e os Subtemas em círculos.

Figura 3 - Agrupamento dos códigos, formando temas e subtemas

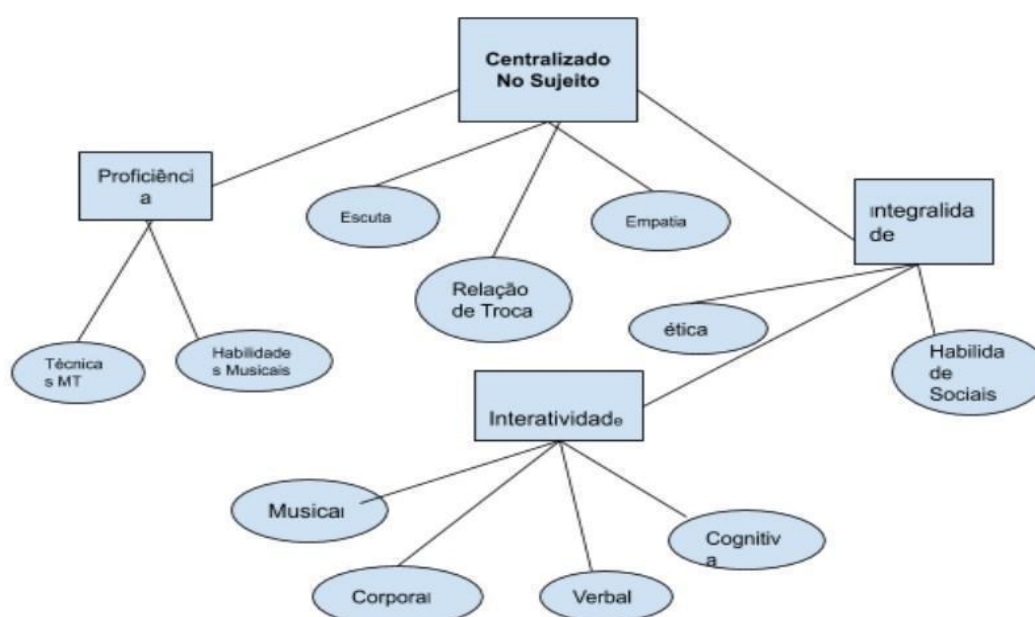


Fonte: As autoras 2020.

A fase 4 foi o momento de revisar temas para refinar (Figura 4) e verificar se os dados são significativamente coerentes para seguir para a fase 5.

A figura 4 mostra o refinamento das fases anteriores, com os temas presentes desta análise, que consiste na nomeação dos seus temas, portanto agora cada tema deverá ser trabalhado em sua escrita identificando a sua história fazendo relação com a questão norteadora, por isso é importante identificar cada tema “presente e determinar que aspecto dos dados cada tema captura” (BRAUN e CLARKE, 2006. p. 21).

Figura 4. Temáticas já nomeadas. Fase 5.



Fonte: As autoras 2020.

A partir da temática de como os/as musicoterapeutas constroem suas ações interações, intervenções na relação terapêutica em musicoterapia, surgiram quatro temas principais, como pode ser visto na figura 4:

- 1) Centralizado no Sujeito e os subtemas: Escuta, Empatia, Relação de Troca;
- 2) Proficiência e os subtemas: Técnicas da Musicoterapia e Habilidade Musicais;
- 3) Integralidade e os subtemas: Ética e Habilidades Sociais;
- 4) Interatividade e os subtemas: interação musical, corporal, verbal, cognitiva.

No aspecto do Ser obtemos a subjetividade, totalidade, unicidade, dignidade autonomia, respeito ao participante o reconhecimento de sua criatividade e tudo que ele nos oferece, crescimento, uma crença no impulso interno, e a importância da empatia entre terapeuta e cliente. Ruud (2010) nos aproxima de uma musicoterapia humanista, que no tema 'Centralizado no Sujeito' nos apresenta aspectos que se refletem na musicoterapia como: a) cuidado com o indivíduo; b) empatia; c) aspectos críticos como barreiras sociais, psicológicas, físicas e materiais, podem delimitar a expressividade do participante; d) autodeterminação como indivíduo independente; e) aspecto denominado Simbolismo, significados e metáforas.

A 'Centralidade no Sujeito' envolve uma relação empática com uma escuta ampliada e sensível, compreendendo os sujeitos com potencialidades para o desenvolvimento e auto atualização (Rogers, 1979). É uma autêntica relação EU-TU, na perspectiva de Buber (1977). Segundo Rogers (1979), a empatia tem este fator de olhar, aproximar e compreender a escuta que, segundo Cunha (2001) e Rogers (1979) se amplia para as manifestações pessoais como corpo e sensibilidade. A escuta musicoterapêutica requer concentração, atenção do que acontece ao seu redor. Em vista disto esta escuta deve ser sensível e humanizada a ponto de perceber a linguagem musical por meio desta ação, o cliente pode se ouvir, logo a prática da escuta irá significar para o/a paciente o reconhecimento dos seus conflitos.

A 'Proficiência', representa o próximo fator desta relação em conjunto com os subtemas, o significado de sua nomenclatura segundo o Dicionário online; seria a "Capacidade para realizar algo, dominar certo assunto e ter aptidão em determinada área do conhecimento". De acordo com a perspectiva dos participantes da pesquisa, as Habilidades Musicais e Técnicas da Musicoterapia como o saber teórico e técnicas como improvisação, criação, composição, e audição são muito importantes para o/a musicoterapeuta (BRUSCIA, 2016).

As respostas dos/as musicoterapeutas e estudantes mostraram que o fator teórico se torna muito importante para a formação e para a prática, uma vez que este conhecimento teórico/técnico é primordial para o graduando e profissional (ZAMIGNANI, 2000). Por conseguinte, a ideia de experiências práticas também estaria ligada a subjetividade do conhecimento observado na terapia, portanto a experiência

estaria conectada ao modo de comunicação seja ela falada, não verbal, musical ou não musical.

‘Integralidade’ foi o nome dado ao tema, para as questões Éticas e Habilidades Sociais na musicoterapia, que coadunam com os princípios propostos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), o qual a musicoterapia faz parte, na categoria de terapias alternativas. A integralidade, está relacionado a lei municipal e Federal (art. 6º), e na Constituição e a Lei nº 8.080/90 com seus “princípios e diretrizes sendo eles: a integralidade, a equidade, a descentralização, a participação social, a regionalização e a universalidade”. Ela é apresentada como conceito sendo um conjunto de ações, serviços de assistência preventiva para com sujeitos individuais, ou grupo, como forma de cura. “Ao reafirmar que a integralidade é um dos princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) que reúne vários significados” (AGUIAR; SANTOS 2016 p. 97 - 99). A integralidade remete a um olhar para o sujeito como um todo, com respeito às suas singularidades, sua história e contexto cultural. Conforme previsto no Código Nacional De Ética, Orientação e Disciplina do Musicoterapeuta, este prevê em seus princípios fundamentais (Seção I)

O musicoterapeuta baseará o seu trabalho no respeito e na promoção da liberdade, da dignidade, da igualdade e da integridade do ser humano, apoiado nos valores que embasam a Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada em 10 de dezembro de 1948 pela Assembleia Geral das Nações Unidas, nos princípios de autonomia, justiça, não-maleficência e beneficência da bioética (UBAM, 2018, p. 8).

A ‘Interatividade’ aparece como um dos pontos mais citados no questionário. Duran (1993, p. 04) menciona que a interação é como um fator mediador entre os níveis social, sociológico, cultural, antropológico, individual e psicológico, visto que o autor acredita que o vínculo parte da interação social a partir da experiência do ser humano (BARCELLOS, 2016,).

A interação ao passar pelo meio musical entre o/a musicoterapeuta e participante nos ajuda a possibilitar mudanças em momentos conflitantes. Diante disto, quando o/a terapeuta e paciente fazem música, a interação pode acontecer de maneira diferente, sendo da sua forma mais complexas ou simplificada como voz, sons corporais, elementos musicais da música como melodia, harmonia e ritmo, ao cantar

canções ou criá-las. Carrara (apud BUBER, 1977), caracterizam o encontro entre estes dois sujeitos como atitudes ontológicas a partir da reciprocidade e confirmação mútua. Similarmente, a segunda atitude provém da experiência e utilização, conhecida como cognoscitiva, que significa uma capacidade de conhecer, saber e descobrir, logo o ser humano só existe fundamentado por meio das palavras princípios EU-TU e EU-ISSO.

Para explicarmos esta relação ela funciona dessa maneira: o TU fala de se abrir a relação e o ISSO é o experienciar do experienciador. O ISSO apresenta-se no subjetivo e objetivo ele está presente no mundo “interior ou no exterior, aberto ou secreto” (CARRARA, 2002, p. 84). Como mencionado anteriormente neste artigo, Rogers e Kinget (1965/1979), fazem uma menção às categorizações de relação citando suas qualidades como respeito, compreensão e segurança, Buber (1977), também explica que na palavra TU existem três níveis; “a natureza, com os homens e com os seres espirituais”, “A relação EU-TU exige reciprocidade e se caracteriza por mutualidade, diretividade, presença, intensidade e indefinibilidade” (CARRARA, 2002, p. 84).

Ao observar os temas e subtemas nota-se que a palavra intervenção não se apresenta nem como subtema e tema nesta análise. Analisando o discurso dos/das musicoterapeutas nota-se que as intervenções vêm muito ligada a interação e é cabível lembrar que por mais que elas andem juntas, elas estabelecem propósitos diferentes e é importante o/a musicoterapeuta saber diferenciar estes dois processos perante sua prática.

Finalmente, para que o terapeuta esteja mais aberto às experiências do/a outro/a, um fator muito importante dentro desta relação que não foi citado por nenhum dos sujeitos da pesquisa, é a que o/a musicoterapeuta também vivencie processos terapêuticos enquanto cliente.

A importância do/a musicoterapeuta se terapeutizar é fundamental no processo da musicoterapia, em vista disso Rezende (2010, p. 1) menciona que a origem da palavra e etimologia terapeutizar vem de *THERAPON* que significa “aquele que serve, atende alguém”, logo por oferecer um neologismo em sua palavra, ela apresentaria características compostas a partir de outras palavras, que significaria uma atribuição de um novo sentido a palavras já existentes no vocabulário.

Mediante o exposto a importância de se terapeutizar é imprescindível, porque durante o processo haverá momentos de frustrações, preocupações, medos, insegurança e perguntas tais como: o que tenho que observar em musicoterapia; será que meus atendimentos estão dando certo? Meu participante não se comunica, ele(ela) não quer tocar, somente brincar. O que fazer? Como lidar com dois participantes com diagnóstico diferenciados e fazê-los interagir entre eles? Afora todas as questões pessoais do/a musicoterapeuta que são despertadas na relação com o/a paciente e que merecem uma atenção particular. Por isso, recomenda-se tanto um processo terapêutico com a supervisão.

REFLEXÕES FINAIS

Compreende-se que os aspectos da relação terapêutica possuem pontos fundamentais como: o encontro e suas características, vínculo terapêutico, empatia e escuta. A partir dos resultados da pesquisa, a musicoterapia se constitui e se constrói dentro de uma relação terapêutica em cinco categorias que foram denominadas pelo acrônimo CIPI. A letra “C”, representa a temática Centrada no Sujeito, a letra “I” representa a interatividade, o “P” a proficiência e por último a letra “I” identificando a integralidade.

A função do/a musicoterapeuta é a mediação a partir das experiências musicais, ajudando o participante a alcançar as possibilidades de mudanças desejadas, visto que, defendido por Roger, todo o sujeito tem dentro de si a capacidade de evolução. Buber já mencionava o homem e sua relação com o mundo e as palavras princípios do Eu-TU, sendo uma forma de encontro face a face, de sua totalidade e da relação e respeito com o mundo. O EU-ISSO, está ligado ao mundo das experiências do conhecimento, quando o homem experiencia EU, que não representa mais TU, mas sim o ISSO, significa que a pessoa estará ligada às relações de experimentação.

Na musicoterapia podemos conectar às experiências musicais propostas por Bruscia (2016) às interações sociais, musicais, verbais, e cognitivas da relação, como forma de mediação buscando um ser biopsicossocioespiritual. Para um/a

musicoterapeuta se desenvolver como tal, é preciso estar disponível para uma relação de troca e possuir características como a empatia e a sensibilidade para a escuta.

Porém, para que ele/ela entenda estas questões em musicoterapia é necessário estar munido de conhecimento e autoconhecimento. Ser musicoterapeuta é também lidar com as questões éticas da sociedade, situações inesperadas do setting terapêutico, e instituições que irão cobrar resultados do profissional. Um/a musicoterapeuta com a sua integralidade resolvida estará envolto no meio ético, profissional, educacional, de saúde e judicial. Em relação às Habilidades Sociais, a interação social se constituem entre dois sujeitos e suas subjetividades, um influencia o/a outro/a, ela nos envolve em um encontro de transformação e organização; dessa forma, neste novo espaço, podem surgir novas interações culturais e mudanças sociais, inclusive as maiores experiências que transformaram e foram fundamentais para o aprendizado humano, vem da experiência relacionam vinculada ao outro/a.

REFERÊNCIAS

AADLAND, E. (1997). "Og eg ser på deg ... " Vitenskapsteori og metode i helse- og sosialfag ["And I look at you ... " **Theory of science and methodology in health and social studies**]. Oslo, Norway: Tano Aschehoug.

ABRAMS, Brian Abrams, MT-BC, **Understanding Humanistic Dimensions of Music Therapy: Editorial Introduction**, Music Therapy Perspectives, Volume 36, Issue 2, Fall 2018, Pages 139–143, 2018.

AGUIAR, R, Jéssica, SANTOS, Alethele de Oliveira, **O conceito de integralidade em saúde nos artigos científicos, no Supremo Tribunal Federal (STF) e nos enunciados do Conselho Nacional de Justiça (CNJ)**. Cad. Ibero-Amer. Dir. Sanit., Brasília, 5(4):96-111, out./dez, 2016 96 <http://dx.doi.org/10.17566/ciads.v5i4.275>.

AIGEN, Kenneth, DA, MT-BC. **A Critique of Evidence-Based Practice in Music Therapy**. Volume 33, Issue 1, 2015. New York University.

BARCELLOS, L. R. M.; SANTOS, M. A. C. **A Natureza Polissêmica da Música e a Musicoterapia**. In: Revista Brasileira de Musicoterapia, Ano I, Número 1. Rio de Janeiro: UBAM, 1996.

BARCELLOS, L. R.M. **Quaternos de Musicoterapia e Coda**. www.barcelonapublishers.com. 2016.

BRAUN, V, CLARK, V. **Using Thematic Analysis in Psychology. Qualitative Reserach**, v. 3, n. 2, p. 77-101. ISSN. 1478-0887. 2006.

BEZERRA, S, E, Márcia, BEZERRA, N, D, Edson. **Aspecto Humanistas, existenciais e Fenomenológicos presentes na abordagem centrada na pessoa**. Rev. NUFEN [online]. v.4, n.2, julho-dezembro, 21-36, 2012. 21.

BERNARDES, Maurien Margarida. **MUSICOTERAPIA COMO RECURSO PARA AUXILIAR NA VINCULAÇÃO SAUDÁVEL DE CUIDADORES E PACIENTES**. Congresso Internacional da Faculdade EST, 1., 2012, São Leopoldo. Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. | p.957-975.

BUBER, M. **Eu e Tu**. São Paulo, Cortez e Moraes, 1977.

BRUSCIA, E Kenneth. **a Dinâmica da PsicoMusicoterapia**. (2015).

BRUSCIA, E, Kenneth. **Definindo musicoterapia** (2016).

CARRARA, Ozanan Vicente. **A relação em Martin Buber**. Mimesis, Bauru, v. 23, n. 1, p. 81-98, 2002.

CURY, Vera Engler. **Psicoterapia centrada na pessoa: evolução das formulações sobre a relação terapeuta-cliente**. USP, São Paulo, 1987.

CUNHA, Rosemyrian. **Escuta terapêutica: sons, silêncios e palavras**. Anais III Fórum Paranaense de Musicoterapia, Curitiba, n.11, p. 45-48, jan. 2001.

DURAN, Álvaro Pacheco. **Interação social: social, cultural e o psicológico**. Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 01, n. 03, dez, 1993

DUNLAP, A. L. (2017). **Women with addictions' experience in music therapy (Published master's thesis)**. Athens, Ohio, USA: College of Fine Arts of Ohio University. Retrieved from <https://etd.ohiolink.edu/>.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GENDLIN, ET (1988). Obituário: Carl Rogers (1902–1987). *American Psychologist*, 43 (2), 127-128. <https://doi.org/10.1037/h0091937>

MOREIRA, Virginia. **Fundamentos Filosóficos das Psicoterapias de Bases HumanistaS**. Palestra proferida. no I Encontro 1992 de Linhas Psicoterapêuticas, promovido pelo CRP-02 em Recife, de 24 a 26 de Julho de 1992.

NEBELUNG, Ingeborg, STENSAETH, Karette. **Humanistic music therapy in the child welfare: Reflections on the label 'humanistic music therapy' and its correlation with the visions of the leaders of a new child welfare institution for adolescents**. VOICES: A WORLD FORUM FOR MUSIC THERAPY | VOL 18 | NO 4 | 2018.

POLIT, V. **Music therapy in Mexico**. In C. Maranto (Ed.), **Music therapy: International perspectives (pp. 365–383)**. Pipersville, PA: Jeffrey Book. (1993).

Revista InCantare, pp. 44-64
vol. 14 no. 1. jan-jun-2021
ISSN: 2317-417X / Curitiba

ROGERS, CARL R, KINGET, G. MARIAN, **Psicoterapia e Relações Humanas**, Composição e impressão por Gráfica Editora Andrade Ltda. Av- do Contorno, 3037 — Belo Horizonte — Minas Gerais. 1965/1979.

ROGERS, C. (1983). **Um jeito de ser**. São Paulo: EPU.

RUUD, E. (2010). **Music therapy: A perspective from the humanities**. Gilsum, NH: **Barcelona Publishers**.

REZENDE, J. M. de. (2010). **TERAPIA, TERAPÊUTICA, TRATAMENTO**. *Revista De Patologia Tropical / Journal of Tropical Pathology*, 39(2), 149–150. <https://doi.org/10.5216/rpt.v39i2.10734>

SILVEIRA, T, Denise, GERHARDT, E, Tatiana. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2009.

UBAM. (2018). Código Nacional de Ética, Orientação e Disciplina do Musicoterapeuta. Disponível em https://ubammusicoterapia.com.br/wp-content/uploads/2018/07/codigo_de_etica-orientacao-e-disciplina-do-musicoterapeuta.pdf

ZAMIGNANI, Denis R. (2000). “**O caso clínico e a pessoa do terapeuta: desafios a serem enfrentados.**” In: Kerbauy, Rachel R. (org.) **Sobre Comportamento e Cognição – Conceitos, pesquisa e aplicação, a ênfase no ensinar, na emoção e no questionamento clínico**. Santo André, SP: SET, volume 5.